

#ESTUDOEMCASA

Bloco N.º	54		
ANO(s)	11.º ano e 2.º ano de Formação	DISCIPLINA	Português
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	<p>Educação Literária</p> <p>Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas entre os séculos XVII e XIX.</p> <p>Contextualizar textos literários portugueses anteriores ao século XVII em função de marcos históricos e culturais.</p> <p>Contextualizar textos literários portugueses dos séculos XVII ao XIX de vários géneros em função de grandes marcos históricos e culturais.</p> <p>Comparar textos em função de temas, ideias e valores.</p> <p>Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos presentes nos textos.</p> <p>Escrita</p> <p>Escrever textos de opinião, apreciações críticas e exposições sobre um tema.</p>		

“O sentimento dum ocidental”, de Cesário Verde: “IV. Horas Mortas”.



José Malhoa, Os bêbados ou Festejando o São Martinho, 1907

Atividades/Tarefas/desafios

1. Lê atentamente a parte “IV. Horas Mortas”.

O teto fundo de oxigénio, de ar,
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,
Enleva-me a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões! Que arruamentos!
Um parafuso cai nas lajes, às escuras:
Colocam-se taipais, rangem as fechaduras,
E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.

E eu sigo, como as linhas de uma pauta
A dupla correnteza augusta das fachadas;
Pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,

As notas pastoris de uma longínqua flauta.

Se eu não morresse, nunca! E eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!
Esqueço-me a prever castíssimas esposas,
Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos ágeis,
Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!
Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,
Numas habitações translúcidas e frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,
E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,
Nós vamos explorar todos os continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
E os gritos de socorro ouvir, estrangulados.

E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.

Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os dúbios caminhantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.

E os guardas, que revistam as escadas,
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,

Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.

E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

Cesário Verde, *Cânticos do Realismo e Outros Poemas*,
ed. de T. Sobral Cunha, Lisboa, Relógio d'Água, 2006.

1. Interprete o subtítulo desta parte do poema “Horas Mortas”.
2. Caracterize o ambiente citadino por onde deambula o sujeito poético.
3. Explícite de que forma a percepção sensorial do *eu* lírico transfigura os espaços e as personagens observadas.
4. Explique de que modo a música evoca o campo e que relação esta evocação estabelece com o espaço em que o sujeito poético se insere.
5. Identifique os elementos e as imagens que apontam para a ideia de decadência e enclausuramento observada e sentida pelo sujeito poético no ambiente da cidade.
6. A estrofe final pode ser entendida como uma conclusão de todo o poema “O sentimento dum ocidental”.
- 6.1. Explique por que motivo a cidade é o espaço onde “A Dor humana busca os amplos horizontes, / E tem marés, de fel, como um sinistro mar!”